

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA SOCIAL E
INSTITUCIONAL

Adriana Rossetto Dallanora

**A ESCRITA E SUAS VOZES NO MUNDO:
QUANDO UMA OFICINA DE JORNAL TECE VIDAS EM UM CENTRO DE
ATENÇÃO PSICOSSOCIAL!**

Porto Alegre, 2014

Adriana Rossetto Dallanora

**A ESCRITA E SUAS VOZES NO MUNDO:
QUANDO UMA OFICINA DE JORNAL TECE VIDAS EM UM CENTRO DE
ATENÇÃO PSICOSSOCIAL!**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para a obtenção do grau de Especialista do Curso Instituições em Análise. Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional. Instituto de Psicologia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Analice de Lima Palombini

Porto Alegre, 2014

ADRIANA ROSSETTO DALLANORA

**A ESCRITA E SUAS VOZES NO MUNDO: QUANDO UMA OFICINA DE JORNAL
TECE VIDAS EM UM CENTRO DE ATENÇÃO PSICOSSOCIAL!**

Monografia apresentada à Universidade Federal do Rio Grande do Sul como exigência parcial para obtenção do título de especialista em Instituições em Análise, sob orientação da professora Analice de Lima Palombini.

APROVADA: 20/01/2015



Profa. Dra. Fernanda Spanier Amador
Coordenadora do Curso de Especialização Instituições em Análise
UFRGS



Profa. Dra. Analice de Lima Palombini
Orientador
UFRGS

*Aos usuários da Oficina de Jornal do
CAPS I Conviver em Liberdade de
Lajeado/RS.*

AGRADEÇO

À minha filha Julia, que, ao longo das nossas vidas, me permite compartilhar a experiência do crescimento, em meio às ondas tensas e calmas desse mar que é o amor sem fim. E que no meio de tantas incertezas afirma que a vida só é possível com afe(c)to.

Aos meus pais, à minha mãe-drasta e aos meus irmãos, que me ensinaram os passos na luta pela justiça e pela igualdade, em meio a tantas diferenças, possibilitando a convivência com a loucura desde sempre.

Ao meu companheiro Juliano, por estes anos de compartilhamento da vida e outras possibilidades de coexistir.

Aos usuários e colegas e ex-colegas do CAPS I Conviver em Liberdade de Lajeado, que, ao longo desses anos de formações e experiências, tornam possível meu fazer e meu viver.

Aos usuários da Oficina de Jornal, que tornam a escrita potência de agir e possibilitam que eu me reconstrua em cada encontro. Através de nossos alegres encontros, nossas histórias, este escrito torna-se um lugar de in-certezas e de possíveis.

À minha orientadora Professora Analice Palombini que me ancorou quando estava à deriva em meio às palavras.

Ao curso de Instituições em Análise, através da Professora Fernanda Amador, que me acolheu e durante dois anos possibilitou uma infinidade de bons encontros, discussões e conhecimento, ampliando meu desejo de continuar sempre.

À grande parceira e amiga, Graziela Schena, pelos anos de convivência e nestes dois anos entre Lajeado-Porto Alegre-Lajeado, entre cafés, risadas, leituras, escritos, bom e mau humor, taças de vinho e sabores inusitados da/e pela vida, nos enlaçando e construindo outras vidas em nós mesmas.

Aos “loucos” da pequena e pacata cidade em que nasci no interior de Santa Catarina. À Bastiana, ao Chicão, Baliski, Seis Dedos...e tantos outros que circulavam por aquela cidade e, quando “sumiam”, sentíamos suas faltas pelas ruas e perguntávamos aos mais

velhos onde eles estavam, e as respostas eram: “foram levados para a Colônia Santana” (hospital psiquiátrico em Florianópolis) e pairava a dúvida: “será que voltarão?”. E voltavam... e continuavam sua vida por entre nós! À vocês, obrigada, mesmo que não estejam entre a gente neste plano ou dimensão, mas estão na história daquela cidade em que cresci e onde convivi com a loucura, os meus primeiros ensaios de com/n-viver em liberdade. Sem vocês, com toda certeza, este alegre encontro não teria acontecido!

RESUMO

Este trabalho tem o intuito de relatar a experiência de uma Oficina de Jornal, dentro de um Centro de Atenção Psicossocial I (CAPS-I) numa cidade do interior do estado do RS. Trata-se da Oficina Terapêutica de escrita do ComuniCAPS, jornal que conta as histórias deste espaço, as histórias de vida dos usuários e trabalhadores que ali habitam. Esta oficina se propõe à escrita e à contação de histórias de vidas, onde tomam a palavra aqueles que por muitos anos estiveram calados e trancados dentro de hospitais psiquiátricos. É a partir da reforma psiquiátrica, que propõe um cuidado em liberdade, que suas vozes ganham espaço para se manifestar e se fazerem escutadas. A cartografia irá guiar nossos passos, pois, como modo de pesquisar, possibilita que a experimentação aconteça como intervenção, favorecendo que a realidade de cada sujeito implicado no processo seja transformada pelos encontros e no próprio percurso da existência. Ao contar sobre a Oficina de Jornal, afirma-se o escrever como um ato de criação que exige daqueles que escrevem uma entrega à possibilidade de acessar afetos e bons encontros. Novos agenciamentos vão sendo produzidos à medida que se escreve e se constrói o jornal, novas conexões e afecções se tornam possíveis neste espaço que potencializa a existência.

Palavras-chave: Oficina Terapêutica. Escrever/escrita. Potência.

ABSTRACT

This study intends to report the experience of a Journal Workshop, within a Psychosocial Care Center I (CAPS- I) in a city in the countryside of the state of Rio Grande do Sul. This is the workshop ComuniCAPS writing therapy, newspaper that tells the stories of this space and the life stories of users and workers who live there . This workshop aims to writing and storytelling and those who for many years were silent and locked into psychiatric hospitals will take the words. It is from the psychiatric reform, which proposes care in freedom, that their voices gain space to be manifested and make themselves heard. The mapping will guide our steps, because, as a way to research, enables experimentation to happen as an intervention, favoring the reality of each subject involved in the process which is transformed by encounters and in the course of existence. By telling about the Journal Workshop, the process of writing is considered as an act of creation that requires from those who write readiness to access affections and good encounters. New connections are being produced as the newspaper is being built and written. In addition, new conditions are possible in this space that maximizes the existence.

Key words: Therapy Workshop. To write/Writing. Power.

SUMÁRIO

1	ALGUMAS NOTAS INTRODUTÓRIAS	10
2	MOVIMENTOS DE UMA NARRATIVA CARTOGRÁFICA.....	12
2.1	A violência das palavras, criando novas histórias – outras vidas.....	12
2.2	Devir-escritor: uma cartografia da escrita	13
3	OFICINA DE JORNAL – ESCRITA E MOVIMENTO!.....	17
3.1	As tecituras de um jornal do CAPS.....	17
3.2	Afetos que pedem passagem	20
3.3	Quando a loucura possibilita espaços de criação	22
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	31
5	REFERÊNCIAS	33
	ANEXO A AUTORIZAÇÃO DO TRABALHO PELA SECRETARIA DE SAÚDE..	36

1 ALGUMAS NOTAS INTRODUTÓRIAS

Esta escrita tem como proposta relatar a experiência da construção de uma Oficina de Jornal, no Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) I – Conviver em Liberdade, numa pequena cidade no interior do Rio Grande do Sul (RS)¹. Esta oficina propõe a escrita de um jornal do CAPS, espaço terapêutico de cuidado em que os usuários contam suas histórias de vida. Das suas vidas dentro e fora de um serviço substitutivo, das histórias deste CAPS e das suas experiências no contato com o mundo.

A escrita deste trabalho parte do meu desejo de compartilhar as experiências da oficina numa produção acadêmica, como exigência do Curso de Especialização Instituições em Análise da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Mas o que antecedeu este momento foi o meu desejo em estar neste espaço potente que se torna a Oficina de Jornal.

Pensar, falar e escrever sobre uma oficina que acontece num serviço substitutivo nos remete aos atravessamentos que temos em relação à loucura. A Reforma Psiquiátrica – RP – propõe novos olhares sobre a loucura, criando dispositivos de cuidado em liberdade. Deste modo, esta oficina se constrói enquanto acontece, num movimento que nos possibilita acompanhar os processos de criação do Jornal, os processos de cada usuário e também o dos trabalhadores que a compõem.

Este trabalho busca discutir a clínica que fazemos neste CAPS, através desta oficina, possibilitando outro olhar sobre a loucura e suas tecituras. Com estas cenas e narrativa buscamos um diálogo com a escrita enquanto possibilidade de cuidar em liberdade, promovendo saúde e colocando a diferença para conversar e circular pela cidade.

Desde meu primeiro contato com o jornal e especialmente com a oficina, havia uma inquietação, pois produzir um jornal dentro do CAPS, para dele sair, é um grande desafio. Circular pela cidade que habitamos e deixar nossas palavras entrarem na vida, nas casas, lojas, bancos e tantos espaços que compõem esta cidade que tanto se distancia quanto se aproxima da loucura é com certeza um dos maiores desafios da reforma psiquiátrica. Afinal, o CAPS Conviver em Liberdade está localizado num dos lugares

¹ Este trabalho foi autorizado pela Secretaria de Saúde – SESA – do município de Lajeado/RS. (ANEXO A)

mais nobres e centrais da cidade – um grande parque o recebeu, o acolheu, está dentro e está fora dele. Mas está ali, com seus tijolos e cercas, com telhado de vidro, com a loucura, especialmente com a saúde e com as relações que construímos neste espaço que habitamos.

Acionar dispositivos da RP possibilita-nos habitar o fora da loucura. Transitar fora e dentro de um serviço que, com cheiros, barulhos, silêncios, provocam-nos o movimento de transpor o mundo através de nossos escritos. Provocam-nos a romper muros e lógicas manicomiais propondo a invenção de novas práticas de cuidado. Desse modo, vamos tateando outros espaços, experimentando estranhezas no modo de conviver com a loucura que anseia habitar tantos espaços.

2 MOVIMENTOS DE UMA NARRATIVA CARTOGRÁFICA

2.1 A violência das palavras, criando novas histórias – outras vidas

[...] escrever é uma maldição. [...] mas uma maldição que salva. (...) Escrever é procurar entender. É procurar reproduzir o irreproduzível, é sentir até o último fim o sentimento que permaneceria apenas vago e sufocador. Escrever é também abençoar uma vida que não foi abençoada [...] (LISPECTOR, 2004, p. 179).

Escrever é, sim, uma maldição, pois as letras, palavras, frases, colocam-nos num movimento de transgredir aquilo que está posto. A escrita forja o pensar, violenta corpo e alma. Assim, a vida se movimenta, cria novas possibilidades de pensar, de se constituir. Sujeito-escritor. E escrever é algo que passa pelo corpo como ferramenta de construção da vida. Assim, a vida vai se constituindo e se construindo em história escrita de versos, textos, silêncios e espaços em branco. Alguns apagados, outros guardados, alguns revistos, outros não vistos. A escrita potencializa e faz valer aquilo que a boca não fala, mas vive. A escrita possibilita dar voz aos afetos, às histórias, às vidas, aos encontros, aos efeitos que as próprias histórias sofrem nos encontros, ações e afecções.

Escrever sempre é um dever, um reservatório de possíveis. Como escritora, estou atravessada por estranhos devires. A escrita é contágio, é afetação, constrói-se a partir de um encadeamento quebradiço de afetos e velocidades, propondo outro sentido, buscando outros bons encontros com aquilo que ainda pode vir a ser, produzir outros movimentos. Escrever é intervir em si mesmo, infligir ideias, usar vários modos para contrair e distender, para que o pensamento insista e, com ele, poder compor ações no mundo. Para desintoxicar, sucatear ideias, para tensionar o discurso e desmanchar-se em lágrimas sem sentimentalismos. Recepcionar um corpo sofrido que pede socorro. “Para desatolar a subjetividade das formas acabadas” (PRECIOSA, 2010, pg.21).

Escrever são constructos da existência. É manter-se vivo e entrar em contato com a própria capacidade de criação, de enfrentar a solidão, habitar o caos e saber que existem maneiras de sair dele sem desmanchar-se por completo. A escrita remete os que escrevem a infinitos lugares, que passam pela dor, incerteza, saber, não saber; a

diferentes estados de encontro consigo mesmo e com os muitos que os habitam e o constituem.

A escrita possibilita um encontro, conforme o pensamento espinosiano dos bons encontros que expandem a potência dos corpos – a vida. Encontros com outros mundos, não apenas aqueles dos territórios limitados no espaço, mas daqueles que são os mundos que não existem como matéria, mas que constituem os mundos dos que escrevem.

Desse modo configurou-se uma Oficina de Jornal que, através da escrita, propõe pensar a relação que cada usuário-escritor tem consigo mesmo, com suas histórias e com o que nos tornamos a partir do que somos produzindo modos instituintes de relacionar-se com a própria vida.

2.2 Devir-escritor: uma cartografia da escrita

[...] escrever é traçar um devir. (ROLNIK, 1993, p.9)

Quando Rolnik (1993, p.9) aponta que “[...] escrever é traçar um devir”, sinto-me convidada a pensar na convocação que nos faz a RP ao propor outros modos de cuidado em saúde mental. Modos que propõem construções diferentes e diversas, que se constituem a partir das mãos de seus operadores contrapondo modelos pré-estabelecidos, que possibilitam contato com a diferença. Entendemos que os operadores - também sujeitos sociais - construíram um espaço de confinamento nos hospitais psiquiátricos, assim como produziram e produzem a desinstitucionalização da loucura, atravessados por movimentos instituídos e instituintes.

Movimentos cartográficos em espaços da RP como os CAPS, podem ser produzidos a partir do exercício da crítica, buscando possibilidades de dizer e fazer de diferentes formas. Tornando visível o invisível e dando voz àqueles que, como prisioneiros, perderam sua capacidade de falar.

Voltar ao passado, às vivências, não é apenas um retorno, é tomar outro caminho, é atualizar as virtualidades. Buscamos, assim, enquanto cartógrafos-pesquisadores-operadores da RP, possibilitar um espaço de voz e palavra, um sopro de vida, um dia de sol numa noite escura, uma lua clara por entre as nuvens!

Desse modo, a escrita do jornal possibilita a entrada num mundo de possíveis, para sujeitos que foram privados de voz e liberdade. Neubarth (2010) refere que “no caso dos loucos, estes foram alijados da sociedade e deles nada mais se esperava. Assim é que se queria loucos invisíveis, mimetizados com as paredes que os cercavam dentro dos hospícios” (p.156). Vidas aniquiladas e infames, impotentes “vidas que são como se não tivessem existido” (FOUCAULT, 2003, p.208) “vidas sem importância” (IDEM, p.212).

Escrever sobre a experiência do contato com a loucura é tarefa a ser cartografada. Habitar o desconhecido, suportar a errância, percorrer estes caminhos do insabido, do invisível, dos afetos e afecções. Afetar e ser afetado para poder caminhar pelas incertezas da diferença, produzindo uma clínica em movimento, que se produz por agenciamentos e desejo, pois “toda escrita é um acontecimento” (AMORIM, 2002, p.8).

Segundo Passos e Barros (2009) “a cartografia como método de pesquisa é traçado desse plano da experiência, acompanhando os efeitos (sobre o objeto, o pesquisador e a produção de conhecimento) do próprio percurso da investigação” (p.17/18). Desse modo, vamos construindo esta cartografia, imersa no campo da Loucura e da Reforma Psiquiátrica, num modo rizomático em que as palavras – faladas-ouvidas-escritas – se encontram como linhas em conexão, pois cartografar nada mais é que “pesquisar o acontecimento acontecimentalizando” (COSTA, ANGELI, FONSECA, 2012, p. 46).

A cartografia como modo de pesquisar está a serviço da produção da diferença, pois “diferir não nos remete apenas ao diferente, em seus antagonismos de combate ou capturas para a convivência pacífica, mas a uma maneira de viver a diferença” (PASSETTI, 2012, p.81).

Por isso, tomamos a narrativa cartográfica como possibilidade de acompanhar as linhas que traçamos em cada encontro na oficina. Nestes percursos das experimentações, sensações e desejos, produzimos esta narrativa. Tomamos a ideia de desejo “[...] como produção e não como aquisição [...]. O desejo, assim visto, é construtor, constrói mundos, subjetividades, realidades [...] se faz em agenciamentos, [...] produzem sentidos” (COELHO, FARINA, 2010, p.203).

A escrita do jornal transpõe-se nesta escrita acadêmica como outro espaço de criação e produção de mais desejo e de mais intensidade, infinitas possibilidades de

possibilidades. Embarcar numa viagem pela escrita e pelas experimentações, produzindo bons encontros – que são aqueles que criam e aumentam a potência de agir, que expandem a potência dos corpos e especialmente expandem a vida. Encontros com outros mundos, não apenas aqueles dos territórios limitados no espaço, mas mundos que não existem como matéria, que constituem os mundos dos que escrevem. Rolnik (1993, p. 2) aponta que nos constituímos a partir das experiências visíveis e invisíveis em que há “uma relação entre um eu e um ou vários outros [...] no invisível, o que há é uma textura (ontológica) que vai se fazendo dos fluxos que constituem nossa composição atual, conectando-se com outros fluxos, somando-se e esboçando outras composições”. Cada vez que estas composições encontram-se com o que somos, sofremos uma violência que é

[...] vivida por nosso corpo em sua forma atual, pois nos desestabiliza e nos coloca a exigência de criarmos um novo corpo - em nossa existência, em nosso modo de sentir, de pensar, de agir etc. - que venha encarnar este estado inédito que se fez em nós. E a cada vez que respondemos à exigência imposta por um destes estados, nos tornamos outros (ROLNIK, 1993, p.2).

Deste modo, produzir uma cartografia sobre esta oficina dentro de um serviço substitutivo aos hospitais psiquiátricos possibilita que habitemos o fora destes espaços, seja através dos encontros para a escrita do jornal, seja nos momentos em que estamos nas ruas da cidade entregando os jornais², ou mesmo neste momento de escrita sobre estas experiências. Passos e Barros (2009) referem que o método da cartografia tem sempre uma direção clínico-política, pois acolhe os sujeitos e suas histórias e intervém na produção de subjetividades. Pois “a clínica é acolhimento daquele que chega, acompanhamento dos trajetos claudicantes que se repetem e experimentação dos limites das formas, forçando suas bordas, desviando-se das linhas e riscos de recodificação” (Kastrup e Barros, 2009, p.81). Compreendemos que a posição política refere-se à “atividade humana que, ligada ao poder, coloca em relação os sujeitos, articula-os segundo regras ou normas [...] se faz também em arranjos locais, por microrrelações,

² A entrega dos jornais pelas ruas da cidade foi uma proposta desta oficina, quando a assumimos pela primeira vez em 2010, para que, além da circulação da palavra escrita, nós, os produtores do jornal, pudéssemos levá-lo e distribuí-lo na cidade. Fazemos isso a cada nova edição e já vivemos experiências diversas nestas andanças, colocando em causa o medo e a insegurança que ainda podem provocar a circulação da loucura na cidade. Consideramos que esta é também a função da oficina: possibilitar a presença e interação dos usuários do serviço com lugares que eles geralmente não frequentam; habitar o Fora do CAPS.

[...] como uma posição que tomamos quando, em relação ao mundo e a si mesmo [...]" (PASSOS E BARROS, 2009, p.151).

O que nos acompanhará durante esta escrita são excertos de algumas anotações produzidas em alguns momentos da nossa presença nesta oficina. São recortes de algumas cenas que servem de dispositivo para acompanhar este processo. Estas cenas partem de relatos que buscam “captar e descrever aquilo que se dá no plano intensivo das forças e dos afetos” (BARROS E KASTRUP, 2009, p. 70).

3 OFICINA DE JORNAL – ESCRITA E MOVIMENTO!

3.1 As tecituras de um jornal do CAPS

A oficina de Jornal do CAPS I – Conviver em Liberdade iniciou seus encontros em 20 de março de 2003, quando profissionais e usuários deram os primeiros passos para a construção do *Jornal do CAPS*, como era chamado naquele momento. A oficina durou alguns meses e acabou sendo desativada³. Em março de 2010, duas estagiárias de Psicologia propuseram retomar as atividades como um espaço terapêutico oferecido aos usuários, além de criar um espaço de integração entre o CAPS e a comunidade. Naquele ano, realizou-se a escolha do nome do Jornal, através de sugestões e uma votação. Desde então o Jornal chama-se ComuniCAPS. Em outubro de 2010, iniciei minha participação na oficina como profissional Pedagoga do serviço. Desde aquele momento, coordenei a oficina, ausentando-me por um período, a partir de maio de 2012, quando estive afastada do serviço. Retomei minhas atividades, então como psicóloga e coordenadora do CAPS, em fevereiro de 2013 e reassumi a coordenação da Oficina em junho do mesmo ano. A ideia iniciada no ano de 2010 era de produção bi ou trimestral do Jornal, e tentamos até hoje manter esta periodicidade das edições, mas já houve momentos em que isso não foi possível, pois se faz necessário respeitar o tempo dos usuários, que muitas vezes é um tempo diferente daquele que rege nossos prazos e urgências.

O tempo, então, torna-se outro, já que não se refere ao tempo cronológico. O tempo precisa estar aberto aos acontecimentos, pois com ele tudo pode acontecer. É o tempo *aion* que pode nos dar suporte aqui, como tempo da criação, da experimentação, de um emaranhado de possíveis – “esse presente que faz jorrar de dentro de si o tempo”, conforme Pelbart (1993, p.35). É esse o tempo invocado quando tratamos de aliançar tempo e loucura, pois o tempo *aion* produz em encontro de forças que, quando se liga ao coletivo, gera potência. Trata-se de “deixar jorrar o tempo para que possa surgir o bom momento de se fazer alguma coisa” (PELBART, 1993, p.35). Nesse jogo de forças

³ Desde o fim dos anos 90 até janeiro de 2005, trabalhei no local como voluntária (quando iniciei era um Ambulatório de Saúde Mental e em 2002 passou a ser CAPS). Apenas em fevereiro de 2005, fui contratada como Pedagoga e, a partir de fevereiro de 2013, como psicóloga. Assim, até 2005, participava de poucas atividades no serviço, não conseguindo estar a par de todas as ações que eram desenvolvidas.

entre o tempo de jorrar e de acontecer, há também o tempo *kairos*, “o momento adequado, o bom momento para decidir e fazer” (PELBART, 1993, p.35).

Meu receio era de que, por impaciência com a lentidão que tenho em me compreender, eu estivesse apressando antes da hora um sentido. Tinha a impressão, ou melhor, certeza de que, mais tempo eu me desse, e a história diria sem convulsão o que ela precisava dizer (LISPECTOR, 2004, p. 187).

Pelbart destaca que, “na sua fragilidade e inconsistência”, os loucos “precisam, para sustentar-se, de muita engenhosidade, acaso e amiúde uma boa torcida desejan-te. [...] Um tempo sem medida, amplo, generoso” (PELBART, 1993, p. 31/32).

Assim, torna-se necessário adentrar este tempo, que nem sempre é o nosso, que é um tempo capitalístico. Acessar este tempo muitas vezes da lentidão, em alguns momentos de passos desacelerados, em outros acelerados, parados ou em velocidade máxima em que muitos se encontram, “Uns estão estacionados num passado longínquo, outros jamais saberemos onde estão [...]” (PELBART, 1993, p.34).

O autor também nos apresenta excertos de um artigo de Jean Oury sobre o tempo e a psicose e propõe que “deveríamos poder sustentar para os psicóticos um ponto que é ao mesmo tempo de um esquecimento e de uma espera” (PELBART, 1993, p.35). Nestas linhas que se apontam no trabalho da escrita do jornal, vamos ultrapassando estes tempos e acessando o entre de *aion* e *kairos* possibilitando a criação, a invenção. Acontecimentalizando a existência, a fim de neutralizar o tempo das tecnologias que insiste em nos engolfar. Buscar alternativas na produção de saúde que preservem a possibilidade “de uma temporalidade diferenciada, onde a lentidão não seja impotência, onde a diferença de ritmos não seja disritmia, onde os movimentos não ganhem sentido apenas pelo seu desfecho”, mas que a escrita tenha sentido pela sua própria existência.

Atualmente a oficina acontece uma vez por semana e, neste momento, o grupo é composto por seis⁴ usuários do serviço, uma psicóloga e um estagiário de psicologia. Um dos seus objetivos é construir um jornal do serviço, que é distribuído à comunidade pelos próprios autores. Produz edições a cada dois ou três meses e os seus textos são decididos e escritos por todos os integrantes do grupo. A Oficina de Jornal propõe a escrita de histórias de um CAPS, histórias que se encontram numa prática que busca a

⁴ Este número é sempre incerto, pois temos usuários que participam há muito tempo, e temos aqueles que vão algumas vezes; uns não retornam, outros sim, outros ingressam, uns desistem. Espaço em que o movimento é constante.

desinstitucionalização da loucura e outras produções. Disse o poeta Manoel de Barros: “Uso a palavra para compor meus silêncios” – e estes silêncios também produzem nossas escritas. Produções de escritos e de vidas. Escritos que modificam e transformam o serviço, as vidas que ali circulam e podem transformar o modo de ver a loucura por aqueles que acessam o jornal e passam a conhecer o que ali se produz. A oficina torna-se um espaço de invenção, um espaço de “aprendizagem inventiva, no sentido em que ali têm lugar processos de invenção de si e do mundo” (Kastrup e Barros, 2009, p. 84). As autoras falam nesta pista da cartografia de uma experiência numa oficina de cerâmica, mas as utilizamos para pensar nossa oficina, pois, mesmo não se tratando de usar materiais como o barro, utilizamos outros materiais, inclusive leituras de textos, histórias que nos auxiliam na escrita de nossos textos. As autoras referem que este

[...] processo de aprendizagem inventiva se faz através do trabalho com materiais flexíveis, que prestam à transformação e à criação. Os participantes da oficina estabelecem com tais materiais agenciamentos, relações de captura, criando e sendo criados num movimento de coengendramento (KASTRUP, BARROS, 2009, p.84).

Assim, compreendemos os processos da nossa oficina, pois no contato com os textos lidos e com as histórias compartilhadas criamos relações com outros mundos, que nos chegam pelo outro que nos acessa.

O espaço oferecido para a construção do ComuniCAPS torna-se um lugar em que a vida, as palavras, as experiências vividas em internações psiquiátricas deixam de ser apenas memórias e transformam-se em palavras entre o que foi e o que ainda está por vir – porvir, devir. Transmutam-se e se tornam possibilidades de saber e de apropriação do corpo, mesmo aquele corpo ainda tomado por efeitos dos medicamentos necessários para “controlar” os delírios e alucinações. Continuam sendo memórias de sofrimento, vivido num momento em que tratar a loucura era somente institucionalizar - não apenas atrás das paredes frias e insensíveis de um hospital, mas também pelos discursos, pela tomada do corpo desejante do outro, um corpo assujeitado ao saber médico e disciplinar, tornado dócil e disciplinado! Deixaram marcas nos corpos e nas memórias.

Recorro a Rolnik (1993, p.2) quando nos fala que as marcas são os “estados inéditos que se produzem em nosso corpo, a partir das composições que vamos vivendo. Cada um destes estados constitui uma diferença que instaura uma abertura para a criação de um novo corpo, o que significa que as marcas são sempre gênese de um

devir” e enquanto temos vida, as marcas vão se fazendo no corpo e “por uma razão menos óbvia: é que uma vez posta em circuito, uma marca continua viva, quer dizer, ela continua a existir como exigência de criação que pode eventualmente ser reativada a qualquer momento”, pois toda marca tem uma potência de reverberar sempre que “atrai e é atraída por ambientes onde encontra ressonância [...] Quando isto acontece a marca se reatualiza no contexto de uma nova conexão, produzindo-se então uma nova diferença”. Assim, pelas marcas em nossos corpos – o meu e dos usuários – vamos produzindo estas edições do ComuniCAPS e eu, habitada por tantos outros, no momento que narro estas experiências, vou produzindo outras marcas em mim. Reverberando aquele pedaço de loucura e sanidade que me habita e me constitui. Estranhos devires que potencializam minha existência através desta escrita, pois “escrever traz notícias das marcas e tem o poder de ampliar minha escuta a suas reverberações: é como um escafandro que possibilita mergulhar no estranhamento com mais coragem e rigor” (ROLNIK, 1993, p.9).

3.2 Afetos que pedem passagem

[...] com o corpo carregamos não só nossa memória, mas a memória do mundo (COSTA E KIRST, 2010, p.199).

Deleuze e Guattari (1997) salientam que “se o escritor é um feiticeiro é porque escrever é um devir” (p.21). Assim, a Oficina de Jornal torna-se uma construção de afetos criadores, multiplicidades que contagiam e produzem agenciamentos. Outras criações. Devires. Movimentos potentes que modificam o modo de ser de cada um que participa deste grupo-oficina.

Guattari e Rolnik (2005) referem que “a problemática da micropolítica não se situa no nível da representação, mas no nível da produção de subjetividade”, pois se refere aos modos de expressão não só da linguagem, mas também em “níveis semióticos heterogêneos”, que “vai incidir nos pontos de singularidade, em processos de singularização que são as próprias raízes produtoras da subjetividade em sua pluralidade” (p.36). Assim, compreende-se que “a subjetividade não se situa no campo individual, seu campo é o de todos os processos de produção social e material” (p.41). Processos de subjetivação sendo agenciados através da escrita de um jornal, da contação

de histórias das vidas, dos fatos e acontecimentos que marcam os corpos destes que escrevem. Das atualizações e acontecimentalizações marcadas pela vida!

Percebe-se que inúmeras instituições atravessam o tema da loucura e vão compondo estes usuários, pois constituem e constroem as subjetividades – modos de ser louco produzidos nos hospitais psiquiátricos, corpo-não-desejo, corpos medicalizados, sujeitos que não são e nada sabem.

Estes processos vão dando pertencimento a esta grupo-oficina, manifestando as individuações através do coletivo. São processos de transversalidade que se criam nos encontros, nas relações, e vão romper com práticas discursivas endurecidas, estriadas, possibilitando agenciamentos de outros corpos-sujeitos-devir!

A subjetividade está em circulação nos conjuntos sociais de diferentes tamanhos: ela é essencialmente social, e assumida e vivida por indivíduos em suas existências particulares. O modo pelo qual os indivíduos vivem essa subjetividade oscila entre dois extremos: uma relação de alienação e opressão, na qual o indivíduo se submete à subjetividade tal como a recebe, ou uma relação de expressão e criação, na qual o indivíduo se reapropria dos componentes da subjetividade, produzindo um processo que eu chamaria de singularização (GUATTARI, ROLNIK, 2004, P.42).

Este processo de singularização vai se compondo com as peles que nos constituem, que, compostas de forças e fluxos, habitam nossa subjetividade. Habitam porque, como fluxos, estão em constante processo de criação, habitando o dentro e o fora da sua pele. Rolnik nos convida a acionar nosso olho vibrátil para podermos olhar para as dobras da subjetividade e acessarmos esse plano que se dá no entre das forças e fluxos:

[...] dentro e fora não são meros espaços [...] indissociáveis e, paradoxalmente, inconciliáveis: o dentro detém o fora e o fora desmancha o dentro. Vejamos como: o dentro é uma desintensificação do movimento das forças do fora, cristalizadas temporariamente num determinado diagrama que ganha corpo numa figura com seu microcosmo; o fora é uma permanente agitação de forças que acaba desfazendo a dobra e seu dentro, diluindo a figura atual da subjetividade até que outra se perfile (ROLNIK, sd, p.2).

Desse modo, vamos nos constituindo como autores neste processo de escrita de um jornal que, ora dentro do CAPS, ora fora dele, acessa os fluxos de cada sujeito envolvido na sua produção e produz outro modo de constituir o próprio jornal, a sua pele e a loucura que nos habita.

Rolnik (1993) refere ainda que, no plano do visível, criamos uma relação “entre um eu e um ou vários outros” e, no plano do invisível, existe uma textura que se constrói de fluxos que sustentam nossa atual composição, que se conectam com outros

fluxos, e assim outras composições vão se formando. Estas composições geram estados estranhos à nossa figura, rompendo com o seu equilíbrio. Toda vez que ocorre este processo, nosso corpo sofre uma violência em sua forma atual:

pois nos desestabiliza e nos coloca a exigência de criarmos um novo corpo – em nossa existência, em nosso modo de sentir, de pensar, de agir etc. – que venha encarnar este estado inédito que se fez em nós. E, a cada vez que respondemos à exigência imposta por um destes estados, nos tornamos outros (ROLNIK, 1993, p.2).

Como nossos encontros são semanais, temos diferentes momentos com este grupo. Colocamo-nos em momentos de conversa, de circulação pelas ruas da cidade, na universidade, nas nossas histórias, textos, palavras, dúvidas, afetos, encontros e desencontros. Buscamos diferentes propostas para possibilitar os encontros, ativar as linhas de forças para dar passagem aos afetos. Tudo é bem vindo, desde que se dê “língua para os movimentos do desejo, tudo o que servir para cunhar matéria de expressão e criar sentido”, pois “todas as entradas são boas, desde que as saídas sejam múltiplas” (ROLNIK, 2007, p.65). Dando lugar para estes afetos e atravessamentos, é que produzimos o jornal.

Desse modo, este jornal também constrói um grupo, que cria outros corpos – um corpo múltiplo, como nos afirma Pelbart (sd, p.2), “com suas relações específicas de velocidade e de lentidão [...] um corpo grupal como essa variação contínua entre seus elementos heterogêneos, como afetação recíproca entre potências singulares, numa certa composição de velocidade e lentidão”. Assim, pensamos esta oficina-grupo-corpos-potência! Afetações que compõem outras formas de existir, de devir!

3.3 Quando a loucura possibilita espaços de criação

Durante o mês de maio deste ano, tivemos alguns eventos alusivos à semana de saúde mental em nosso município. Nosso jornal iria levantar questões sobre a Luta Antimanicomial. Precisariamos estar com a edição do Jornal pronta para o dia da caminhada pelas ruas principais da cidade, por isso iniciamos o trabalho de discussões no mês de março. Quando perguntei o que sabiam a respeito, mencionaram que era “*sobre não internar mais nos hospícios*”⁵. Imediatamente começaram a falar sobre suas

⁵ As falas dos usuários aparecerão ao longo do texto, em entre aspas e em *itálico*.

experiências em internações psiquiátricas. Um dos rapazes disse: “*o que mais entendo é que, com isso, não vou mais precisar ser internado e nunca mais nos hospícios*”. Aqui se expressa claramente um grande movimento instituinte, na sociedade e especialmente nos espaços de tratamento, possibilitando a compreensão de que a RP foi um dos movimentos sociais que propôs mudanças de sentido e de formas no tratamento da loucura e de outros discursos na sociedade. Discursos vão sendo produzidos, e os sujeitos vão deles e neles se constituindo. De acordo com Nardi, Tittoni, Giannechini e Ramminger (2005)

[...] os discursos não são subjetivos, mas sim subjetivam, na medida em que o indivíduo toma para si determinado discurso, considerando legítimo e verdadeiro, modificando-se e identificando as prerrogativas destes discursos como suas (NARDI, TITTONI, GIANNECHINI E RAMMINGER, 2005, p. 1047).

Pela oficina, buscamos ativar a potência de existir destes corpos tomados muitas vezes pela psicose. Vamos propondo conversas e trocas de experiências, possibilitando também o relato da dor e do que foi e ainda é sofrimento, buscando espaços de abertura para os encontros. Recorremos à Aragon quando afirma que:

Tendo em mente a multidão de fluxos em ação, não podemos almejar extirpar a doença, ou extinguir a dor, sem nos colocarmos num plano analítico por um lado e potencial por outro. Não se trata de sair ao enalço da saúde perfeita ou do indivíduo mais apto, nem de tolerar a dor, mas de *abrir espaços que permitam o inédito do encontro*⁶, para intuir e melodiar as “proto-sonoridades” que pedem passagem. (ARAGON, 2007, p. 62).

Segundo Aragon (2007, p. 51), “há sempre um leque de possíveis” que abrem espaço no entre e ampliam a capacidade de afetação e transformação do campo de existência. “[...] a alteridade radical, o diferente, o estranho, o próprio diferir é abertura para o devir do ser e para a geração de novos potenciais” (ARAGON, 2007, p.61).

A psicose – ou as psicoses – pode ser entendida “como a reconstrução de uma realidade alucinatória na qual o sujeito fica unicamente voltado para si mesmo, numa situação auto-erótica: toma literalmente o próprio corpo (ou parte deste) como objeto de amor (sem alteridade possível).” (ROUDINESCO, PLON, 1998, p.622).

Coelho e Farina (2010, p. 207), ao falar do Presidente Schreber, afirmam que

A palavra o ocupa por inteiro e, assim sendo, escapa pelas mãos, flui por entre os dedos e ocupa as muitas folhas das suas Memórias. É justamente na composição de uma materialidade que Schreber consegue constituir um solo de apoio para sua loucura. Para ancorar o delírio das suas errâncias, busca

⁶ Grifo em itálico com o intuito de reforçar a ideia da abertura para os alegres encontros.

territorialidades compartilhadas (como a letra e o código) ao escrever o livro e endereçá-lo ao outro (COELHO e FARINA, 2010, p.207).

A escrita possibilita a “passagem do individual ao social, do privado ao público [...] num espaço coletivo faz certa mediação das relações entre os frequentadores”. A loucura ganha, então, endereçamento através da escrita, tornando-se uma “potente defesa frente à ruína da razão e da coerência” (COELHO; FARINA, 2010, p. 206).

Diversas vezes, na Oficina, ao longo deste último ano, propus que falassem sobre as experiências dos cuidados que receberam em internações, nos CAPS, na vida. Em muitos destes momentos, a palavra foi engasgada pelos nós das internações em hospitais psiquiátricos. Alguns dizeres me tomam e desconsertam. Deixam meu corpo estremecido e as palavras somem. Somem porque a dor e as vidas que elas representam são incontáveis. Esse desconcerto torna-se potência de agir e possibilidades. Mal estar que se torna potência para a escrita! Assim, como trabalhadora-psicóloga-aprendiz de cartógrafa, procuro deixar o “corpo vibrar todas as frequências possíveis” para “dar língua para afetos que pedem passagem” (ROLNIK, 2007, p. 66/23).

Num dos encontros, falávamos da luta antimanicomial e sobre a RP seus efeitos na vida de cada um ali presente, daqueles que passaram por internações psiquiátricas e daqueles que não tiveram essa intervenção. Falávamos das memórias que seus corpos contêm e que os perpassam, pois “com o corpo carregamos não só nossa memória, mas a memória do mundo” (Costa e Kirst, 2010, p.199). Então sugeri que escrevêssemos o que estávamos falando, que seria nosso texto para o jornal. Apesar de tantas escritas para o jornal, já feitas, naquele momento negam-se a escrever, dizem que não sabem, que suas mãos tremem pelo uso contínuo de medicamentos, que demoram muito para escrever qualquer coisa. E, como disse Lispector:

Não sei mais escrever, perdi o jeito. Mas já vi muita coisa no mundo. Uma delas, e não das menos dolorosas, é ter visto bocas se abrirem para dizer ou talvez apenas balbuciar, e simplesmente não conseguirem. Então eu queria às vezes dizer o que elas não puderam falar. (LISPECTOR, 2004, P.189)

Assim, escrever, para estes usuários que dizem não saber, torna-se possibilidade de inúmeras possibilidades, inclusive a de dizer muito do que não se pôde falar. Pedem para que eu escreva.

Em alguns momentos o corpo do terapeuta é usado como ferramenta de trabalho; por isso, empresto o meu para este grupo, que resiste experimentar-se usando seu próprio corpo. Meu corpo está emprestado a eles pelas dificuldades motoras

ocasionadas pelo uso de medicamentos por longos anos e pelo próprio desafio que sentem em usar seu corpo, anestesiado que fora, pelas internações e pela aniquilação de seus saberes quando “diagnosticados” com algum transtorno psiquiátrico, especialmente esquizofrenia e bipolaridade.

Nesta clínica ampliada, proposta pela criação e construção de um jornal, torna-se necessário que o coordenador desenvolva uma “tolerância para o caos [...] em diferentes tentativas não isentas muitas vezes da angústia e da dor que caracterizam o ato criativo, poderiam surgir novos sentidos mais desejantes e produtivos” (SAIDÓN, 2008, p119). O autor expressa, ainda, que a vida é composta de linhas flexíveis e endurecidas; a clínica propõe o cuidado com estas linhas, e os dispositivos grupais constituem plano de consistência para que estas linhas se expressem (IDEM, p. 119).

Coordenar uma oficina de jornal, espaço em que as letras e palavras circulam incessantemente, exige uma implicação do coordenador/oficineiro “no processo criativo que ele desencadeará” (GRECO, 2005, p.96). Pois, segundo o autor, o papel do oficinairo é:

[...] o de abrir um espaço em que a criação seja chamada, e não mais a criatura, o que tem repercussões interessantes no caso dos delirantes, onde podemos ver o ato de escrever colocado como ponto de detenção, momento em que o sujeito pode se unificar, obter algo que o desatou da cadeia significante que o aprisionava [...] (GRECO, 2005, p.97).

Assumimos um papel de provocadores da criação e da invenção, que foram anuladas, massacradas pelos tratamentos psiquiátricos de controle. A oficina torna-se espaço de produção de palavras para aqueles que eram emudecidos. Possibilitando ideias criativas, provocamos ações no corpo e na mente e, conseqüentemente, transformações no modo de viver e de relacionar-se consigo e com a própria loucura – a sua, a minha e a de todos. Novamente nos encontramos com Manoel de Barros (2013) quando escreve “Eram novidades que os meninos criavam com as suas palavras” (p.9). Essas novidades faladas pelo poeta possibilitam o acesso ao novo, à criação.

Assim, a participação na oficina possibilita aos sujeitos não apenas o rememorar de sua existência, mas a sua reconstrução possível – “se trata de reescrever uma história” (BULHÕES, 2007, p. 106/107). Essa reescrita da história se faz na troca de experiências e escritas de novos textos, novas composições e outras vidas. A escrita possibilita um recurso contra o desmanchamento psíquico, uma borda oferecida pelo terapeuta e entre o grupo, como limite e proteção ao que pode gerar angústia.

Assim, muito mais do que escrever, provocamos uma intensidade de afetos e afecções⁷, espaço que dá voz às suas vozes, compartilhando-as com o mundo, pois, como nos diz Kinoshita, na apresentação do livro de Lobosque, que “ao escrever, um autor, tenha como ponto de partida uma decisão de partilhar, isto é, de abrir mão da exclusividade de suas ideias e expô-las ao público” (KINOSHITA, citado por LOBOSQUE, 2001, p.9).

Em outro encontro, disponibilizo o *notebook*⁸ e fazemos uma leitura de todas as matérias escritas até o momento. Faltavam alguns fechamentos e a digitação de parte de um texto de um dos usuários, Fernando⁹, o qual, conforme havia sido combinado com a antiga coordenadora do grupo, teria trechos publicados nas próximas edições do jornal. Deixo o notebook na mesa e eles estranham. O estranho desafia a colocarem seus corpos em movimento. Precisam chegar mais próximos para conseguirem ler. Reclamam. Desacomodam-se. Seria preciso digitar e eles pedem que eu faça isso. Recuso-me também, dizendo que eles podem tentar, que estarei ali, com eles. Rúbia senta diante da máquina e fala que não sabe nada de computador, mas que fez curso de datilografia na juventude. Percebe que a disposição das letras é a mesma da máquina de datilografia, apenas com alguns sinais a mais. Arrisca-se. Auxílio quando solicita. Mostra dificuldades com o teclado, mas arrisca-se. Digita e logo entra no embalo das letras. Outra escrita flui.

Os outros olham. Ela termina.

Novamente, Lispector (2004, p.179) entra em cena para nos mostrar que “não se *faz* uma frase. A frase nasce”. As palavras deste jornal nascem como agenciamentos, que são os modos de produção, sempre potência em ato que, no encontro com outra potência, cria outros agenciamentos. Estes sujeitos encontram-se atravessados por instituições - loucura, doença, não-saber/ser -, e o processo da RP cria novos agenciamentos.

Buscamos, com esta oficina, ampliar nossa capacidade de olhar e acompanhar os efeitos que produzimos neste corpo-grupo. Nossa potência enquanto sujeitos, nos

⁷ Separamos Afetos e Afecções, conforme a conceituação construída no Seminário proferido pelo professor Luiz Fuganti, da Escola Nômada de Filosofia de São Paulo, em 26 de novembro de 2014, em Porto Alegre, promovido por EDUCASAÚDE – UFRGS. “Afecção é a modificação da minha potência e essa modificação possibilita a variação da minha capacidade de existir, Afeto é a variação da minha capacidade de existir”.

⁸ Utilizo este recurso, pois, lamentavelmente, o serviço não dispõe de computadores para uso nas oficinas.

⁹ Os nomes são alterados para preservar suas identidades!

assusta, pois não sabemos para onde nossas novas experimentações podem nos levar. Recorro então a Pelbart (sd, p.1), quando refere que “somos um grau de potência, definido por nosso poder de afetar e de ser afetado, e não sabemos o quanto podemos afetar e ser afetados, é sempre uma questão de experimentação”.

Assim, vamos possibilitando que estes corpos-sujeitos de desejo se posicionem de outro modo diante da produção deste jornal. Novos gestos de virtualidade são atualizados.

Buscamos em Moehlecke (2010) o questionamento: “[...] como abrir o corpo para novas passagens? [...]” Como estes corpos atravessados pelos estigmas das doenças psiquiátricas podem devir?

Segundo Fuganti (2012, p.75), devir “é tornar-se diferente de si. É potência de acontecer, diferindo de si sem jamais confundir-se com o estado resultante dessa mudança”. Esta oficina é, pelo simples fato de sua existência, potência que possibilita mudanças!

Moehlecke (2010) nos mostra, ainda, que não devemos olhar apenas o grupo

como algo em si, mas como dispositivo criador, que põe algo em funcionamento”. Através das conversas, das experimentações com a escrita e a leitura das próprias produções, “operamos com a chance de tornar a dobra atualizada [...] para fora do grupo, ao encontro com a vida (MOEHLECKE, 2010, p.260).

O que podem estes corpos-escritores que se negam a escrever? Afinal, o que pode um corpo? Assim, vamos construindo essas inquietações. Buscamos em Deleuze e Guattari (1997) alguns pontos para pensarmos estas forças que movimentam a oficina

[...] não sabemos nada de um corpo enquanto não sabemos o que pode ele, isto é, quais são seus afectos, como eles podem ou não compor-se com outros afectos, com os afectos de um outro corpo, seja para destruí-lo ou ser destruído por ele, seja para trocar com esse outro corpo ações e paixões, seja para compor com ele um corpo mais potente (DELEUZE E GUATTARI, 1997, p.43).

Assim, ao longo dos nossos encontros, vamos propondo momentos de discussões, para pensarmos, rompermos, desconstruirmos, reconstruirmos sentidos para nossa estada neste grupo. Pelbart (1989) sinaliza que pensar “não é uma faculdade, mas abertura em relação ao Fora [...] exposição às forças, na sua distância, no espaçamento que elas criam entre si, no Entre que a guerra entre elas cria a todo momento” (PELBART, 1989, p. 124/125). Assim, ao propor a abertura do pensamento, ao arriscar-

se no encontro com o fora que nos habita e com as relações que criamos e temos com o que somos, produzimos outros modos de nos ver trabalhadores e usuários de um serviço, produtores e construtores de um Jornal, num jogo entre estas forças que nos habitam. Compreendemos assim que o pensamento não busca uma forma universal, uma realidade ou uma verdade, mas busca significações – significações construídas num encontro entre as experiências de cada um de nós com a loucura que nos habita e que forja outros sentidos no ato de escrever. Fuganti¹⁰ afirma que um “pensamento que pensa singularidade está criando a pista de dança que ele mesmo dança”. Buscando outras saídas para a potência. Assim, trazemos mais um recorte de nossa oficina, uma frase de grande significado, não apenas para aquele que a escreveu, mas para todos os seus integrantes e para todos nós que a lemos e de algum modo nos deixamos tocar por ela, seja por ter tido vivência parecida ou por entendê-la como uma experiência constituída de momentos históricos da vida de muitos que passaram por internações psiquiátricas.

Há alguns anos, algo aconteceu comigo e após diversas, até incontáveis internações em diferentes lugares e aos cuidados dos mais diferentes médicos, vivendo as mais desagradáveis experiências: engolindo a língua, confusão, grades, sensação horrível, uma merda... fui acolhido num serviço de saúde mental da minha cidade de origem. Desde então sou cuidado no CAPS por uma equipe e por isso hoje sou livre¹¹.

Como transformar estas experiências em que grades, confusões, línguas engolidas, eletrochoques, deixaram suas marcas, mas não mataram a gana de sobreviver? Como possibilitar que novos agenciamentos aconteçam e aumentem a potência de agir destes corpos?

Entendemos que a criação de um espaço terapêutico nos moldes de oficina possibilite, ao sujeito, além de falar e produzir textos escritos, também “endereçá-los aos outros”, situando ao CAPS como “... um lugar social [...] um espaço no campo público” (GUERRA, 2012, p. 98).

Nesta clínica que construímos, atravessados pelo mundo contemporâneo e muitas vezes rompendo as lógicas capitalísticas, reconhecemos as fragilidades e

¹⁰ Seminário proferido pelo professor Luiz Fuganti, Escola Nômade de Filosofia de São Paulo, em 08 de outubro de 2014, em Porto Alegre, promovido por EDUCASAÚDE – UFRGS.

¹¹ Esta frase foi dita por Carlos, um dos usuários da oficina, mas fizemos alterações, pois ao escrever utilizou nomes de hospitais e médicos e para preservar a todos, foi transcrito de outro modo, mas o que se refere aos seus sentimentos e sensações tudo foi mantido integralmente. Optamos por manter a frase deste modo, pois após discussão, durante a oficina, a reescrevemos e assim ela foi publicada na 2ª Edição – Ano 04 Fev, Março, Abril/2014 do ComuniCAPS.

potencialidades de cada sujeito, criando, então, possibilidades de outros contornos, já que muitos destes, em se tratando de psicoses, sabemos que foram rompidos ou não construídos. Sujeitos que foram desprovidos do contorno que o corpo materno provê, do afeto que dá continência àqueles que sofreram de uma ruptura psíquica – buscamos dar-lhes contorno e ancoragem.

É esta clínica que propomos ao escrever um jornal do CAPS. Uma clínica que oferece acolhida a cada sujeito e que, ao mesmo tempo, instigue a invenção de outros modos de relacionar-se com suas próprias loucuras. Uma clínica em que as afecções possibilitem a transformação da potência e amplie a variação da capacidade de existir. Criam-se, então, outros encontros com a própria vida e com a vida de outros. Possibilitamos a entrada para um mundo de simbólico nas tramas da linguagem.

Sabemos, porém, que um CAPS não está livre de reproduzir modos manicomiais, produzindo sujeitos dóceis e pacificados. Tomemos, nesse sentido, a manifestação de Carlos, também como um alerta – não apenas como um estímulo às nossas práticas, mas como sinalizadora das forças disciplinadoras e totalitárias a que estamos todos sujeitos. Não é este o foco de nosso trabalho, mas caberia colocar em reserva e como matéria para reflexão crítica aquilo que comparece, na fala de Carlos, como enaltecimento e gratidão em relação ao CAPS. Não é, porém, o que desejamos destacar, ao trazê-la à reflexão aqui. Queremos, antes, mostrar que a RP, com seus serviços substitutivos, possibilita a criação de espaços inventivos e acolhedores; que, com a escrita do Jornal, os usuários saem do espaço restrito da oficina e do CAPS e vão às ruas, às casas de outros; que tornam a escrita, as palavras, os diferentes ritmos, uma possibilidade de entrada a um mundo de relações que se produz com a escrita.

Trata-se de uma rede de relações que apontam para o lugar em que cada sujeito se encontra, espaços que oferecem um campo de infinitas possibilidades. Como refere Costa (2011, p. 13), uma tal clínica, abordando o social, não parte apenas da demanda de suprir as “necessidades básicas, aquelas que se ocupariam do amparo do corpo, como se este fosse somente biológico; ou mesmo somente considerando o trabalho psíquico, como se dele pudesse ser dispensado o corpo” (COSTA, 2011, p.13). Com o trabalho da e na oficina, busca-se produzir uma materialidade que funcione para o sujeito como constituição de um objeto que (...), por sua produção mesma, introduz um entre” (MOSCHEN, 2012, p. 110) ampliando as possibilidades do sujeito. As oficinas

possibilitam aos sujeitos psicóticos a produção de novos “sentidos históricos a sua produção” (GUERRA, 2012, p.98) e a inscrição no laço social. A escrita, assim, se torna lugar de criação de outros modos de conviver com a própria existência.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Construir estratégias nesta oficina, além da construção do próprio jornal, coloca-me em estado de encontros com a leveza e com a alegria deste grupo que, em meio às suas dificuldades, conta piada, aceita desafios, ri, preocupa-se com o que o outro sente e vive, angustia-se com o fato de que “precisamos fazer o jornal, não podemos ficar só conversando”, sem dar-se conta de que o “só conversando” está produzindo matéria para o jornal que em outro momento será escrita e reconstruída. Estamos, ali, construindo infinitas possibilidades de reinvenção de outras e novas histórias de vida.

O convívio com esta oficina nos oferece a possibilidade de transformação e redefinição de nossa prática e de nossas indagações, pois ampliamos nosso olhar para um olhar vibrátil, com uma escuta de cartógrafo, que busca as linhas de fuga, reinventando saídas toda vez que impasses se apresentam (ROLNIK, 2007).

Assim, tornamos a escrita, não apenas do ComuniCAPS, mas também deste trabalho, um espaço potente de significações e afecções. Habitar espaços da loucura, produzindo outros modos de con-viver e existir. Escrever para produzir novos agenciamentos, afetando e sendo afetado pela escrita da vida.

Oficina que conta e escreve sua própria história e as histórias de muitos que ali habitam, possibilitando que muitos outros acessem e conheçam tantas vidas. Constituímos-nos à medida que produzimos o jornal, tornamo-nos um corpo-oficina habitando os espaços da loucura, deixando lugares inabitados e inacabados para serem descobertos no percurso da vida.

Tecituras que possibilitam um resgate das subjetividades, escritas que se constroem no processo de construção do jornal e deste trabalho. E, nesta empreitada de escritos lá e aqui, a cartografia é sempre nossa aliada, pois com ela é que podemos dar passagem aos afetos e desse modo construir outros modos de existir e se relacionar com a própria loucura.

Para finalizar, tomamos a ideia que não abordamos com afinco neste trabalho do quanto os CAPS podem também tornar-se espaços manicomiais, especialmente quando as práticas são exercidas sem reflexão, considerando que andamos por linhas tênues dos manicômios internos. Na escrita deste trabalho, esta questão muitas vezes nos tomou, mas foi abordada brevemente, pois não foi este nosso foco ou objetivo nem teríamos

tempo para isto neste momento. Ficam, porém, como ressalva crítica e um chamado à reflexão a partir de questões levantadas no decorrer desta escrita.

Talvez a maior razão de existir desta oficina seja de tornar este e tantos espaços do CAPS um mundo de possíveis, um mundo em que a língua e o corpo não tenham como destino o aprisionamento atrás de grades!

5 REFERÊNCIAS

AMORIM, Marília. **Vozes e Silêncio no texto de pesquisa em Ciências Humanas**. Cadernos de Pesquisa, n. 116, p. 7-19, julho/ 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/n116/14396.pdf>> Acesso em 04 Jul. 2014.

ARAGON, Luís Eduardo P. **O impensável na clínica: virtualidades nos encontros clínicos**. Porto Alegre: Sulina, Editora da UFRGS, 2007, 152p.

BARROS, Laura Pozzana. KASTRUP, Virgínia. Cartografar é acompanhar processos. In: PASSOS, Eduardo. KASTRUP, Virgínia. ESCÓSSIA, Liliana da. **Pistas do Método da Cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2009. 207p.

BARROS, Manoel. Biblioteca Manoel de Barros (coleção). São Paulo: LeYa, 2013. 18vol.

BULHÕES, Maria Ângela. Uma clínica de riscos. In: APPOA. **Psicose: aberturas da clínica**. Porto Alegre: APPOA: Libretos, 2007. 296p.

COELHO, Débora de Moraes; FARINA, Juliane Tagliari. Entre o moribundo e o embrionário: a escrita delirante. In: COSTA, Luciano Bedin da; FONSECA, Tania Mara Galli (Org.). **Vidas do Fora: habitantes do silêncio**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2010. 383p.

COSTA, Ana. De uma clínica que não seria semblante. In: **Psicanálise e Intervenções Sociais**. Associação Psicanalítica de Porto Alegre (org). Porto Alegre: APPOA, 2011, 208p.

COSTA, Luis Artur. ANGELI, Andréa do Amparo Carotta de. FONSECA, Tania Mara Galli. Cartografar. In: FONSECA, Tania Mara Galli; NASCIMENTO, Maria Lívia do; MARASCHIN, Cleci. (orgs.). **Pesquisar na diferença: um abecedário**. Porto Alegre: Sulina, 2012. 263p.

COSTA, Luis Artur. KIRST, Patrícia. Mais geografia do que história: o tempo do fora no fora da cidade. In: COSTA, Luciano Bedin da; FONSECA, Tania Mara Galli (Org.). **Vidas do Fora: habitantes do silêncio**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2010. 383p.

DELEUZE, Gilles. **Diferença e Repetição**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. São Paulo: Ed. 34, 1997. v. 4. 170p.

FONSECA, Tania Mara Galli. Vidas do Fora e a eschileitura de um mundo incontável. In: COSTA, Luciano Bedin da; FONSECA, Tania Mara Galli (Org.). **Vidas do Fora: habitantes do silêncio**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2010. 383p.

FOUCAULT, Michel. **Estratégia, poder-saber. Ditos e escritos IV.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003. 396 p.

FUGANTI, Luiz. Devir. In: FONSECA, Tania Mara Galli; NASCIMENTO, Maria Livia do; MARASCHIN, Cleci. (orgs.). **Pesquisar na diferença: um abecedário.** Porto Alegre: Sulina, 2012. 263p.

GUATTARI, Félix. ROLNIK, Suely. **Micropolítica: cartografias do desejo.** 7. Ed rev. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005. 439p.

GUERRA, Andréa M. C. Oficinas em Saúde Mental: costuras entre o real, simbólico e imaginário. In: Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre. **Psicanálise: Invenção e Intervenção.** n°. 41-42, jul2011/jun/2012. 269p.

GRECO, Musso Garcia. A letra em seu devido lugar. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/1326/1422>>. Acesso em 07 Nov.2014.

KASTRUP, Virgínia. BARROS, Regina Benevides de. Movimentos-funções do dispositivo na prática da cartografia. In: PASSOS, Eduardo. KASTRUP, Virgínia. ESCÓSSIA, Liliana da. **Pistas do Método da Cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade.** Porto Alegre: Sulina, 2009. 207p.

KIOSHITA. Roberto Tykamori. Apresentação. In: LOBOSQUE, Ana Mara. **Experiências da Loucura.** Rio de Janeiro: Garamond, 2001.

LISPECTOR, Clarice. **Aprendendo a viver.** Rio de Janeiro: Rocco, 2004.220p.

MOEHLECKE, Vilene. Da vida fora de si para o fora da vida: o dançar e as experimentações coletivas. In: COSTA, Luciano Bedin da; FONSECA, Tania Mara Galli (Org.). **Vidas do Fora: habitantes do silêncio.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2010. 383p.

MOSCHEN, Simone. Entre. In: Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre. **Psicanálise: Invenção e Intervenção.** n° 41-42, jul2011/jun/2012. 269p.

NASIO, Juan-David. **Os Grandes Casos de Psicose.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2001. 244 p.

NEUBARTH, Bárbara Elisabeth. Vassouras e pincéis: fundando novos lugares. In: COSTA, Luciano Bedin da; FONSECA, Tania Mara Galli (Org.). **Vidas do Fora: habitantes do silêncio.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2010. 383p.

PASSETTI, Edson. Diferir. In: FONSECA, Tania Mara Galli; NASCIMENTO, Maria Livia do; MARASCHIN, Cleci. (orgs.). **Pesquisar na diferença: um abecedário.** Porto Alegre: Sulina, 2012. 263p.

PASSOS, Eduardo. BARROS, Regina Benevides de. A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: PASSOS, Eduardo. KASTRUP, Virgínia. ESCÓSSIA, Liliana da. **Pistas do Método da Cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade.** Porto Alegre: Sulina, 2009. 207p.

PELBART, Peter Pál. **Da clausura do Fora ao Fora da clausura – Loucura e Desrazão.** São Paulo: Editora Brasiliense, 1989. 235p.

_____. **A nau do tempo rei: sete ensaios sobre o tempo e a loucura.** Rio de Janeiro: Imago Ed., 1993, 132p.

_____. **Elementos para uma cartografia da grupalidade.** Disponível em: <http://www.itaucultural.org.br/proximoato/pdf/textos/textopeterpelbart.pdf>. Acesso em 02 Nov. 2014.

ROLNIK, Suely. **Uma insólita viagem à subjetividade: fronteiras com a ética e a cultura.** Disponível em: <http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/viagemsubjetic.pdf> Acesso em 02 Nov. 2014.

_____. Pensamento, corpo e devir. Uma perspectiva ético/estético/política no trabalho acadêmico. In: **Cadernos de Subjetividade.** v.1 n.2: 241-251. Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade, Programa de Estudos Pós Graduação de Psicologia Clínica, PUC/SP. São Paulo, set./fev. 1993. Disponível em: <http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/pensamentocorpodevir.pdf> Acesso em 07 Nov. 2014.

PRECIOSA, Rosane. **Rumores discretos da subjetividade – Sujeito e escritura em processo.** Porto Alegre: Sulina: Editora da UFRGS, 2010.

**ANEXO A – AUTORIZAÇÃO DO TRABALHO PELA SECRETARIA DE
SAÚDE**

SECRETARIA DA SAÚDE - SESA
RUA ALBERTO TORRES, 452 – 6º ANDAR
LAJEADO/RS
FONE: 3982 1109

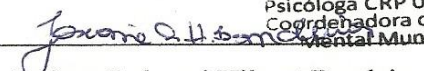
Lajeado, 04 de agosto de 2014.

AUTORIZAÇÃO

A Secretaria de Saúde de Lajeado, autoriza a psicóloga e estudante Adriana Rossetto Dallanora, do curso Instituições em Análise, do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional, no Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, a apresentar suas experiências na Oficina de Jornal, do CAPS I - Conviver em Liberdade, como Relato de Experiência para sua monografia intitulada: *A ESCRITA E SUAS VOZES NO MUNDO: QUANDO UMA OFICINA DE JORNAL TECE VIDAS EM UM CENTRO DE ATENÇÃO PSICOSSOCIAL!*

Fui informada pela responsável do estudo sobre as características e objetivos do trabalho, bem como das atividades que serão realizadas na instituição a qual represento.

Prefeitura Municipal de Lajeado
Josiane Delazeri Hilgert
Psicóloga CRP 07/17260
Coordenadora da Saúde
Mental Municipal


Josiane Delazeri Hilgert Bandeira
Coordenadora de Saúde Mental
SESA - Secretaria da Saúde
Lajeado - RS